

## *Como manejar uma paisagem :: Ana Luisa Lima*

A ideia de 'construção da paisagem' em Yuli Yamagata, tornou-se um dispositivo com o qual a artista tem situado narratividades. Imagens figurativas, mas não só, são apropriadas de estampas de tecidos e individuadas em pequenas almofadas. Cada almofada-figura corresponde à unidade estética dentro do seu imaginário compositivo. E enquanto elemento estético assume autonomia como 'palavra' que atua no mundo na condição de forma e conteúdo: significante/significado.

As almofadas-figuras quando dispostas lado a lado, indiscriminadamente, são verbetes, dentro de um glossário, cujos significados aparecem ainda livres de contextos que os amarrem numa única possibilidade de leitura. Repousadas nesse conjunto aleatório, essas atuam de maneira diluída. São elementos dormentes de um repertório vernacular disponível para uma escrita prestes a se construir.

Há um outro momento situacional em que as almofadas-figuras são convocadas para compor uma narrativa não necessariamente linear. Enquanto elementos estéticos, ao tomar uma posição no espaço, de maneira intencional, as almofadas-figuras despertam-se de suas dormências e passam a criar em torno de si ligaduras, umas com as outras, tornando possível um enredo narrativo a partir do contexto sob as quais foram colocadas, ou ainda, reinventando para si outros significados para seus significantes. A intenção é, nessa chave, o que arremessa cada elemento estético de seu modo de latência para uma vibração semântica.

Ainda no que diz respeito aos modos de concepção, percepção e construção da paisagem, Yamagata também usa outros elementos como unidades-estéticas, a exemplo de pedras e plantas que, por vezes, figuram como maquetes que emulam circuitos fechados de sobrevivência. Abraçada à ironia, à pungência e ao criticismo, a artista com operações simples, cria complexos campos de discursos seja do ponto de vista da forma: representação-mimese x apresentação; seja do conteúdo, trazendo à superfície as discussões de narrativas e constructos simbólicos contemporâneos.

\*

Há possibilidades diversas de leituras a partir das operações da artista. Uma dessas leituras possíveis é o desvelamento da embriaguez da ideologia do capital. Isso porque suas paisagens feitas de tecido tratam das narrativas contemporâneas, e nesse sentido, relatam e retomam a luta de classes há muito tempo invisibilizada. Uma pergunta possível e necessária: quantas paisagens têm sido forjadas pelas mãos de trabalhadores/as para uma classe ridiculamente minúscula?

Desse tecido que nasce a arte também traz estampas que conduzem preceitos arbitrários do "bom gosto". A indústria do significante. A manufatura do significado. O tecido que é vendido no centro de São Paulo pode vir a ter status de finesse, algo a ser celebrado no Morumbi ou Higienópolis. Uma das maiores enrascadas do capitalismo é a instituição de aparências do controle. Esse modo perverso de ser e estar no mundo, inicialmente concebido para ser a possibilidade de emancipação do indivíduo, cada vez mais se especializa em criar imagens de ilusão e naturalização de absurdos.

A propriedade privada e monopólio dos meios de produção seguem produzindo abismos econômicos, precariedades nos modos de viver, pobreza extrema, ainda assim, poucos são os que não reiteram, no seu dia a dia, a ideia de mérito pessoal em detrimento ao desejo de coesão social através, sobretudo, da redistribuição de renda, reforma agrária, educação gratuita e de qualidade, e tantas outras reparações históricas necessárias.

Ou ainda, o que dizer da esquizofrenia que mora nas paisagens artificiais – Hollywoodianas – cada vez mais construídas como bolhas de ilusões para uns poucos, enquanto que em escala global produzir lucro significa envenenar mares, rios, oceanos, desmatar florestas, tornar extinta uma vida possível na Terra. Mas, quem sabe, será mérito de alguns um dia pagar para forjar um modo de vida artificial num planeta distante, algo que um dia, por aqui, já fora natural.

\*

Há em Yamagata uma leveza, ao mesmo tempo, um vigor nos modos de abordar as disfunções sociais, políticas e culturais que arrastam a contemporaneidade numa repetição superficial de discursos do passado criando paisagens inacreditáveis. Sem sombras de dúvidas, vivemos um excesso de banalidade estampado de citações filosóficas. Como se as coisas do mundo já não conseguissem explodir em novos significados, mas os significantes insistissem em permanecer como cascas. Então, celebramos a cafonice de tratar todas as coisas como algo que tem o seu valor auferido pelo mercado. Já não há prazer fora disso. Tudo é tratado como mero adorno.

Ana Luisa Lima  
Outubro de 2016

*“E era terrível pensar que não havia fuga possível, fora do imaginário, naquele mundo sem esconderijos, de natureza domada fazia séculos, onde a sincronização quase que total das existências centrara as lutas em torno de dois ou três problemas postos em carne viva.”*

*Alejo Carpentier, Os passos perdidos.*